

Bayma, nº94 inaugurada em 1 de fevereiro com "A rosa dos ventos", de Cláudio Spaak. O repertório da fase que se iniciava não foge à linha praticada naquele momento pelos mais modernos elencos: textos de reconhecido valor, alternando-se com uma dramaturgia assimilável por um público comum.

A partir de 1956 com a chegada de Augusto Boal, da Universidade de Columbia, Nova Iorque e com a presença de elementos do "Teatro Paulista do Estudante" (notadamente Gianfrancesco Guarnieri e Oduvaldo Vianna Filho), o Arena pouco a pouco vai se tornando um centro de pensamento, busca e irradiação. Assim, o êxito de "Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri em 1958 fortalece a idéia de um "seminário de dramaturgia", onde textos inéditos do Grupo ou de qualquer interesse eram debatidos à exaustão. Aliada à preocupação dramaturgíca surge a idéia de uma pesquisa voltada para o ator: busca de uma interpretação mais chegada à uma maneira brasileira de atuação. Define-se então uma nova linha para o teatrinho: prioridade aos textos brasileiros nunca distanciados, seja dito, de uma séria preocupação de ordem social e política. É a fase de "Chapetuba Futebol Clube", "Gente como a gente", "Pintado de alegre", "Revolução na América do Sul" (já se utilizando de Bertolt Brecht). Esgotada a fase entram na linha do que chamaram "nacionalização dos clássicos", apelando-se aos textos, não necessariamente brasileiros, mas que tenham em sua essência um caráter popular de obra de todos os tempos ("O melhor juiz, o rei", de Lope de Vega, por exemplo).

Segue-se a época dos musicais, auxiliados por jovens compositores de enorme talento, sintonizados com o ideário do Grupo. "Arena conta Zumbi", "Arena conta Tiradentes" foram os maiores sucessos da fase.

Já no programa de "Arena conta Zumbi", Augusto Boal sugere alguns dados mais tarde aperfeiçoados no que chamou de "Sistema Coringa": "Para fazer uma peça assim, precisaríamos (se fôssemos convencionais) de mais pra lá de 100 atores, mais pra lá de 30 cenários (...) Desses fatos concretos surgiram as novas técnicas que estamos usando: personagem absolutamente desvinculado do ator (todo mundo faz tudo, mulher faz papel de homem), narração fragmentada sem cronologia, fatos misturados com coisa pouca"...

Com o advento da ditadura militar em 1964 o Teatro de Arena vacila,